



Se alguém apertar o botão acontece isto: bummmmmmmmm! E não sobrará quem faça o cálculo de quanto custa uma guerra atômica.

Se mencionar os nomes das grandes personalidades que escreveram e falaram sobre os malefícios da guerra servisse para despertar o raciocínio das pessoas que vivem apáticas, indiferentes ao preparo e ao desencadear dos morticínios coletivos, de bom grado encheríamos páginas e páginas. E, mesmo assim, grande número deles ficaria olvidado por entre as amareladas páginas da prosopopeia universal.

Mas, os reiterados chamados e as repetidas conlações antibélicas de todos esses pioneiros da paz, perdem-se no tremendo vácuo do indiferentismo e da lamentável e permanente distração dos cidadãos, e, especialmente, das jovens gerações que são sempre e irremediavelmente as mais sacrificadas.

Os batalhadores da paz, os pacifistas e humanistas, esfaliam-se na oratória, esgrimem com argumentos, publicam irrecusáveis estatísticas, demonstram documentos, e por esse elevado comportamento recebem aplausos e aprovações. Porém, dum momento para o outro, tudo se esfuma, silencia, desaparece, e o monstro da guerra assoma espantosamente a sua boca devoradora.

Mas, que estranho fenômeno será esse, em que a razão perde a razão e o que é terrivelmente cruel e injusto triunfa e vence?

É que a máquina guerreira tudo avassala, tritura e esmaga. Os interesses dos grupos armamentistas atingem proporções estrondosas, semelhantes às potentes baterias de aço que vomitam chumbo incandescente que há de varar peitos, arrasar cidades, semear tristezas. E o «complot» financeiro, ufano da sórdida vitória, canta hinos de glória e a guerra explode em todo o seu belicoso esplendor de arrasadoras consequências.

Mas, pergunta-se, se a guerra é assim tão tragicamente horrível, por que encontram tantos milhões de homens que participam dela?

Aí é que está o astucioso segredo da beligerância.

Todas as gamas mágicas das palavras são postas em pleno funcionamento a fim de atingir em cheio a sensibilidade patriótica dos pacatos cidadãos e transformá-los em inquietos e valorosos combatentes. E quando os ânimos estão belicosamente caldeados, levá-los à fogueira infernal dos combates é simples passatempo. O resto é... tragédia.

O grande pacifista Eugen Relgis, em referência ao livro de Georg F. Nicolai, «Biologia da Guerra», assim se expressa: — «A guerra não existe desde sempre. A humanidade somente a conheceu depois que começou a desenvolver-se. Na natureza não existe a guerra: os animais da mesma espécie não guer-

reiam entre si; as poucas exceções desta regra constituem sintomas de degeneração. A fatalidade biológica da guerra está desmentida rigorosamente por numerosas provas. A guerra não é uma realidade natural, senão uma criação puramente humana.

De fato, a guerra apareceu no momento em que apareceu a cultura. (Porém, que é cultura?) Seu fundamento é a propriedade. Quando o homem começou a possuir, a ter a sua terra, seus alimentos, sua mulher, nasceu a guerra, isto é, o roubo, o despójo do homem pelo homem e, por conseguinte, a defesa por meio das armas que haviam sido criadas primeiramente contra as bestas ferozes.

Não é certo que a guerra seja uma forma particular de seleção na luta pela existência. O darwinismo aplicado à sociologia é falso e desastroso. A luta natural é uma coisa e a guerra humana é outra.

O insigne escritor Rudolf Rocker, em sua magnífica obra «Nacionalismo e Cultura», faz esta impressionante referência sobre a guerra: «Quem tomou a si a tarefa de demonstrar o que se poderia fazer com o dinheiro gasto na primeira guerra mundial, foi Victor L. Berger, membro do parlamento americano. Foi-lhe tanto mais fácil realizá-la, quanto que, para seus cálculos, teve à sua disposição, em Washington,

as melhores fontes de material informativo. Berger demonstrou que, com as fabulosas somas gastas na primeira guerra mundial, podia ter-se presenteado cada família dos Estados Unidos, Canadá, Austrália, Grã Bretanha, França, Alemanha e Rússia com uma casa no valor de... 2.500 dólares, com pertences domésticos de mil dólares, e mais cinco acres de terra para cada casa, ao preço de 100 dólares por acre. Com isto não teria acabado a soma: todas as cidades de mais de... 20.000 habitantes dos mencionados países, poderiam ser dotadas de uma biblioteca pública e um hospital no valor de cinco milhões de dólares, e mais, uma universidade que custasse dez milhões.

Não obstante, nem com tudo isto se teria esgotado tão enorme capital. O resto da soma, colocado ao juro anual de cinco por cento, daria para manter um exército de... 125.000 professores e 125.000 enfermeiras, e ainda ficaria uma sobra para comprar toda a propriedade física da França e Bélgica.

A perda material ocasionada pela passada guerra mundial é tão fantástica que, tomada globalmente, escapa ao entendimento humano.

Depois de ler este arrepiante relatório de Victor L. Berger torna-se imprescindível uma pergunta: Quanto custará a próxima guerra mundial?

palavras desabitadas

JOSÉ NUCETE SARDI

Caracas — Venezuela

A palavra não deve servir
para ocultar a verdade,
senão para dizê-la.

José Martí

Se se quisesse resumir numa frase a situação atual do mundo, bastaria dizer: «É uma crise de vocabulário». Assim manifestou-se aquele cientista e poeta que buscava a síntese desses dois mundos, Pierre Mabilie, e agregou: «É necessário reconhecer as palavras e reinstalá-las em seus altares, em seu próprio valor. Quando se tem falado de não tomar o nome de Deus em vão, não é questão de jurar, senão simplesmente de não empregar este vocábulo sem dar-lhe a expressão exata. Desde que foi unido a todas as aventuras e mesclado às mais duvidosas uniões, perdeu o seu profundo significado: Deus foi-se de seu nome e a palavra Deus está desabitada».

E assim como essa, outras palavras, muitíssimas, estão desabitadas, seu conteúdo foi falseado, a realidade afastou-se delas. Muitas vezes temos falado disto, das palavras que ficaram ócas a força de mentir com elas, de utilizá-las sem seu verdadeiro sentido. As palavras mal usadas gastam-se como as moedas e sabem burlar-se daqueles que as usam de forma tão ineficaz. Remy de Gourmont, entre outros, disse coisas magníficas sobre as palavras e a linguagem.

Pierre Mabilie, em seu «Ensaio Sobre a Linguagem», revela novos fatos e ilumina as palavras que conseguem manter os seus contornos precisos. Elas têm luz própria. Porém, quando sobrevêm cataclismos espirituais, políticos ou sociais e rompe-se certa harmonia entre a civilização e o ambiente, o sentido

das palavras muda e acabam perdendo a sua precisão, isto é sua consequência com a realidade interior.

Mabilie, diz, então, que os paladins, os filósofos, os falsos poetas e o povo começam a martirizar as palavras e a servir-se delas como joguêtes, não sendo sensíveis senão a sua música exterior. Os fenômenos da deformação da linguagem apresentam-se em ciclos, e quando as palavras estão vazias, muitas outras coisas andam mal. Alguém já disse que as palavras são para o idioma o que as notas são para a música, vale dizer, a matéria prima. O gênio, o espírito de um povo, está associado ao espírito de sua língua. A língua tem que melhorar-se e renovar-se, nunca, porém, se deve enchê-la de palavras desabitadas de sentido.

A essência do idioma não se deve perder; tampouco se deve perder a essência do passado, que é a que se incorpora ao presente, uma vez despojada do todo inútil e anacrônico.

Cientista de diversas ciências e poeta, Mabilie queria que, num nível superior, a ciência se confundisse com a apreensão estética do universo, com a poesia, e assim, expressando o mistério do cosmo e da vida, a palavra devia permanecer cheia de conteúdo, de sentido, de realidade e veracidade, nunca óca ou desabitada. Por isto estamos atravessando um ciclo de descomposição da palavra, da nota dessa música que é a linguagem.

Perdido o sentido real, o conteúdo veraz das palavras, não deve parecer estranho que se renove a Babel. Quicá

a confusão babélica começou com a desabitação das palavras.

Talvez hoje muitas conversações internacionais, entre elas as que se referem ao desarme, são incompreensíveis. Não se chega a um acordo porque estão se utilizando palavras vazias que perderam seu conteúdo essencial no comércio social, como as moedas falsas. De sorte que os pactos podem se converter em impactos.

Poderia ser muito útil deixar descansar as palavras até que voltem a adquirir sua essência, seu conteúdo, para que se possa acreditar nelas. É possível que uma temporada de silêncio seja, em certos momentos, mais conveniente que esse excesso de palavras que se vem gastando no mundo. Há uma loquacidade deplorável nos mais diversos comércios humanos. Às vezes, as que deveriam ser sérias e exatas considerações sobre variados problemas, convertem-se em grotescas manifestações verbalistas, em verborrécia inservível que já não mais engana ninguém.

Mabilie, que explorou mundos científicos na Europa e nas Antilhas e que se solidarizou com o surrealismo, insinuava, faz alguns anos, pouco antes de sua morte, que a civilização nascente da era atômica terá uma linguagem distinta na qual as palavras serão revalorizadas, devolvidas à sua plena exatidão, à sua íntima essência para que tenham o calor de uma nova fé.

Parece que a linha de demarcação entre a verdade e a mentira vai se tornando de difícil percepção, e não fal-

tam aqueles que pedem uma revisão de tantas mentiras, de tantas fábulas que nasceram até mesmo nas searas científicas. A validade e a arrogância não deixaram de tomar parte no excesso de palavras sem sentido e nas fábulas de um tempo que tem muitos recursos para ser mais exato.

Isto é, segundo os mais sagazes comentadores do momento, parte do drama de uma cultura que conheceu os mais brilhantes êxitos e meios de expansão de suas possibilidades renovadoras, de uma cultura que está chamada a uma transmutação total. O que parecia imutável se faz cambiante.

As palavras usadas sem precisão contribuem para esse ceticismo um tanto irônico que rodeia muitos fatos de nosso tempo e que tolhe efetividade aos propósitos. Enquanto não se restabeleça o verdadeiro sentido das palavras fazendo com que elas correspondam à ética do seu conteúdo, continuará o mal-entendido em toda a sua extensão, o embrulho interminável da pseudo-ciência, da política incompreensiva, do desacordo, da falta de consciência moral e das inverdades imperantes, nesse conflito de dúvidas, de suspicácias e inexactidões.

Num mundo com todos os recursos para a compreensão da verdade, vive-se numa «crise de vocabulário», sem dúvidas muito perigosa, porque ela tem origem certa noutras muitas, neste fluir crescente de «palavras desabitadas».



livros

- PAGINAS CÍNICAS («O livro mais cínico do mundo, depois da Bíblia — Impróprio para mulheres, meninos e mineiros»), Rafael López del Palácio Cr\$ 2.000
- PORTUGAL OPRIMIDO (Subsídios para a história do fascismo português), Fernando Queiroga Cr\$ 3.000
- CURSO DE LITERATURA, José Oiticica Cr\$ 4.500
- O NÓVO ISRAEL (como se instaurou e funciona o socialismo libertário nos «kibutzim» e «moshavim» da Palestina), Agustin Souchy Cr\$ 2.000
- O HUMANISMO LIBERTARIO E A CIÊNCIA MODERNA, P. Kropotkin Cr\$ 2.500

EDITORA GERMINAL
Av. 13 de Maio, 23 s. 922 — Tel. 52-1001
C. P. 142 — Agência da Lapa
GUANABARA — 06

GEOR FR. NICOLAI

«Un Sábio y un Hombre del Porvenir»

Este livro, que dá alguns traços da fecunda e agitada vida que viveu o grande sábio Nicolai, falecido recentemente no Chile, onde era Catedrático da Faculdade de Medicina da Universidade, acaba de ser editado em Buenos Aires, escrito pelo notável e brilhante escritor Romeno, Eugen Relgis.

Relgis é um homem de letras universalmente conhecido, ativo e incansável batalhador em favor de uma humanidade livre e pacífica. Escreveu poemas, novelas e ensaios. Adversário da guerra, concretizou o seu pensamento social no livro: «PRINCÍPIOS HUMANISTAS», e «EL HUMANITARISMO Y LA INTERNACIONAL DE LOS ININTELECTUAIS». Chegou aos países latino-americanos em 1947, fugindo do novo totalitarismo, que não o teria poupado em virtude da sua significação intelectual e de seu carácter insubordinável.

Radicou-se em Montevideu e ali continuou a luta de sua vida, publicando folhetos, colaborações jornalísticas, sempre com amor e uma admirável fé no porvir.

GEOR F. NICOLAI

«Un Sábio y un Hombre del Porvenir»

É mais um dos seus numerosos trabalhos. Pode ser adquirido no seguinte endereço: Eugen Relgis, Gaboto, 903 - Ap. 7 — Montevideu - Uruguay.



balancete

CONTRIBUIÇÕES RECEBIDAS ATÉ 15 DE FEVEREIRO

SÃO PAULO — Padilha, 6.500; Raya, 2.000; Jaim, e 6.000; Sixto, 1.000; Cecílio, 6.000; Navarro, 1.000; Justo, 4.000; Maria, 1.000; Gumercindo, 4.000; Cilento, 5.000; G.A.F., 1.000; Dias, 1.000; Virgílio, 2.000; Eduardo, 500; Martin, 500; Gomez, 1.000; Rojo, 2.000; Eurico, 1.000; Venda de jornais, 6.650; Venda de folhetos, 3.800; H.R.B., 10.000; Reis Meneses, 1.000; — Total: 66.050 cr\$.

RIO DE JANEIRO — Diamantino, 1.000; Ester, 5.000; Fernando, 1.000; Neves, 1.000 — Total: 8.000 cr\$.

DIVERSOS : — Agostinho, 10.000; Honório, 500; Passios 131.600; Castor, 1.000; Kairús, 1.000; Adelantado, 40.000; Atilio, 2.000; Total: 186.100 cr\$.

TOTAL GERAL	Cr\$ 260.150
SALDO ANTERIOR	Cr\$ 47.860
ENTRADA TOTAL	Cr\$ 308.010

DESPESAS

Conserto de máquina de escrever	Cr\$ 16.000
Tipografia	Cr\$ 171.600
Vários gastos (Ailson)	Cr\$ 50.000

RESUMO

ENTRADAS	Cr\$ 308.010
S A Í D A	Cr\$ 237.600
SALDO EM CAIXA	Cr\$ 70.410

sinais dos tempos

Bispo Conciliar Belga Diz no Vaticano Que o Inferno e Céu são Conceitos Superados —

CIDADE DO VATICANO, setembro (O Glóbo) — O Concelto de céu e inferno é coisa ultrapassada nesta era interplanetária. Quem afirma é o bispo de Namur, o prelado belga André Charue, um dos doze oradores da sessão do Concílio Ecumênico do Vaticano II, em que se aprovaram, em princípio, nove esquemas sobre as relações entre a «Igreja e o Mundo Moderno», com substanciais modificações em pontos dos mais importantes. O Concílio aceitou o documento, como base para debates, por 2111 votos contra apenas 44.

VIDA EXTRATERRENA

O Monsenhor André Charue incorporou a opinião das correntes católicas e de alguns padres conciliares que consideram indispensável um pronunciamento da Igreja sobre a era espacial e até mesmo sobre a possibilidade da existência de criaturas inteligentes noutros planetas.

— Na era espacial — acentuou D. André — a tradicional convicção acerca do paraíso situado no céu já não pode ser aceita pelo homem moderno.

«O Glóbo — 30-9-65 — página 19»



Igreja: o melhor negócio do mundo

Jorge Brandão

Ninguém, hoje em dia, pretende ser anticlerical unicamente por razões sentimentais, como no passado. Se a atitude tivesse de ser resuscitada, o anticlericalismo estaria baseado em motivos de sobrevivência econômica de cada nação, como tal. Basear-se na eliminação necessária de um câncer improdutivo que drena bilhões e bilhões de cruzeiros todos os anos para atividades sem qualquer interesse coletivo, mascaradas sob a hipócrita capa da caridade e da educação — que, se analisadas, não representam, em termos de aplicação do dinheiro recebido dos fiéis e daquele não pago em impostos, nem 0,1% (ou até menos) do total que é usado para o auto-fortalecimento industrial, co-

mercial, agrícola e financeiro das instituições religiosas.

Podemos afirmar com segurança que a maior empresa brasileira não é a Petrobrás, como muitos pensam; ou que a maior empresa estrangeira operando no Brasil não é a Standard Oil. É a Igreja Católica Apostólica Romana.

Seu faturamento mensal — sem qualquer controle por parte do povo brasileiro, através do Governo — deve ser muitas vezes superior à arrecadação anual obtida em cidades como São Paulo, Rio, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife, juntas. A Igreja está isenta de qualquer imposto. E se há alguma Lei de Remessas de Lucros, essa não é válida para as diversas Cúrias que operam em nosso País. Ninguém, a rigor, poderia se sentir roubado pela Light, pela Hanna ou por qualquer das gigantescas ne-

gociatas levadas a cabo em nosso país, sem pedir também uma Comissão Parlamentar de Inquérito ou um IPM para o levantamento de todos os fabulosos bens da Igreja Católica Apostólica Romana que jamais entram em qualquer declaração de rendas. Se incluirmos nisso os diversos Centros Espíritas, os terreiros de Umbanda, as sinagogas, os templos protestantes de várias denominações, as igrejas ortodoxas e até as duas igrejas muçulmanas — e todas as outras manifestações primitivas de alienação do sobrenatural — o povo brasileiro seria colocado frente a frente com uma cifra tão gigantesca, tão astronômica, que em si mesma explicaria a maioria dos terríveis problemas de fome, analfabetismo e miséria em que vivemos.

ONDE ESTÁ O DINHEIRO ESTÁ A IGREJA

Dizem que os sinais de progresso de uma cidade podem ser medidos pelos três Ps que ela atrai: polícia, padres e prostitutas. E é verdade. Em recente reportagem publicada no jornal «Diário de São Paulo», dizia um padre, reclamando contra a falta de vocações no Brasil, que, enquanto em nosso país, para 60 milhões de católicos, existem 12 mil sacerdotes, nos Estados Unidos, para 22 milhões de católicos, existem 55 mil sacerdotes. Isso é: no Brasil existe um padre para cada grupo de 5.000 fiéis; nos Estados Unidos existe um padre para cada grupo de 400 fiéis. O entrevistado atribuía esse «defeito» brasileiro ao... marquês de Pombal! Dizia que o marquês perseguiu a Igreja, impediu o seu desenvolvimento, bobagens desse tipo. Nem por um instante

quis reconhecer que a razão é bem outra: como os Estados Unidos são muito, muito mais ricos que o Brasil, para o Vaticano é muito mais interessante «aplicar» no vasto potencial econômico e financeiro daquele país, «vender» a sua «religião» para consumidores que podem pagar por ela um preço muito maior que aqui.

A revista «Fact», por exemplo, mostra quão rica é a Igreja naquele país. Uma parcela mínima de seus investimentos está aplicada numa rede de lavanderias com sede em New Hampshire, edifícios comerciais em Chicago (em São Paulo, quase toda a redondeza da Praça da Sé pertence à Cúria, entre diversas outras regiões), negócios de hipotecas imobiliárias, estações de rádio e de TV controladas por uma central localizada em New Orleans, a maior livraria do Oeste, situada em Salt Lake City, dois restaurantes na Ca-

lifórnia, um night club no Hawaili... e o gigantesco Yankee Stadium de Nova York! A Igreja e suas organizações auxiliares ainda publicam livros, têm padarias, fábricas de alimentos e confeitos em geral, criam gado, vendem seguros, destilam vinho e brandy e operam supermercados, hotéis e indústrias.

De acordo com recente estudo patrocinado pela organização conhecida como «Other Americans United for Separation of Church and State», o valor combinado de todas as propriedades das várias igrejas nos Estados Unidos é estimado em mais de 79 bilhões e 500 milhões de dólares! De dólares! E só nos Estados Unidos! Para se ter uma leve idéia de quão fantástica é essa cifra basta dizer-se que representa 150% a mais do que todas as propriedades de uma cidade gigantesca como Nova York! Compilando o to-

tal, aquela organização dividiu a riqueza das diversas igrejas da seguinte maneira: sinagogas, 7 bilhões de dólares; templos protestantes em geral, 28 bilhões de dólares; igreja católica, 44,5 bilhões de dólares. «Nossos lucros e propriedades», disse um padre, «são maiores do que os da General Motors, da American Telephone & Telegraph e da US Steel combinados». Disse outro: «O recolhimento de taxas e contribuições pela Igreja deve ser segundo somente ao do Governo dos Estados Unidos».

E no Brasil? Aqui, o governo nunca se arriscou a exercer a vigilância em favor do povo sobre tamanha organização. E nenhum homem ou grupo de homens permaneceria o tempo suficiente no poder para arriscar-se a tal. As famosas visitas dos Núncios Apostólicos aos infelizes países sul-americanos antecedem quase sempre à queda

de qualquer Presidente da República.

Mas se nós olharmos para a monstruosa Basílica de Aparecida, aquele horror arquitetônico, e em seguida vírmos a miséria das casas que a rodeiam; se formos a uma cidade paupérrima como Pouso Alto, em Minas, e vírmos a riqueza inacreditável de sua moderna catedral; se soubermos que a Catedral de Brasília, que deveria ser entregue pronta, não foi aceita assim pela Igreja que desejou, ela mesma, terminá-la, para poder recolher dinheiro, como o vem fazendo, pelo Brasil inteiro, sem que a Catedral nunca termine; se vírmos colégios de freiras destinados somente a garotinhas milionárias e colégios de padres que, em menos de dez anos, cresceram de maneira assustadora, então poderemos ter uma leve idéia de quanto dinheiro a Igreja recolhe em nosso país.



Igreja o negócio

Jorge Brandão

Ninguém, hoje em dia, pretende ser anticlerical unicamente por razões sentimentais, como no passado. Se a atitude tivesse de ser resuscitada, o anticlericalismo estaria baseado em motivos de sobrevivência econômica de cada nação, como tal. Basear-se-ia na eliminação necessária de um câncer improdutivo que drena bilhões e bilhões de cruzeiros todos os anos para atividades sem qualquer interesse coletivo, mascaradas sob a hipócrita capa da caridade e da educação — que, se analisadas, não representam, em termos de aplicação do dinheiro recebido dos fiéis e daquele não pago em impostos, nem 0,1% (ou até menos) do total que é usado para o auto-fortalecimento industrial, co-

mercial, agrícola e financeiro das instituições religiosas.

Podemos afirmar com segurança que a maior empresa brasileira não é a Petrobrás, como muitos pensam; ou que a maior empresa estrangeira operando no Brasil não é a Standard Oil. É a Igreja Católica Apostólica Romana.

Seu faturamento mensal — sem qualquer controle por parte do povo brasileiro, através do Governo — deve ser muitas vezes superior à arrecadação anual obtida em cidades como São Paulo, Rio, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife, juntas. A Igreja está isenta de qualquer imposto. E se há alguma Lei de Remessas de Lucros, essa não é válida para as diversas Cúrias que operam em nosso País. Ninguém, a rigor, poderia se sentir roubado pela Light, pela Hanna ou por qualquer das gigantescas ne-

gociatas levadas a cabo em nosso país, sem pedir também uma Comissão Parlamentar de Inquérito ou um IPM para o levantamento de todos os fabulosos bens da Igreja Católica Apostólica Romana que jamais entram em qualquer declaração de rendas. Se incluirmos nisso os diversos Centros Espíritas, os terreiros de Umbanda, as sinagogas, os templos protestantes de várias denominações, as igrejas ortodoxas e até as duas igrejas muçulmanas — e todas as outras manifestações primitivas de alienação do sobrenatural — o povo brasileiro seria colocado frente a frente com uma cifra tão gigantesca, tão astronômicamente grande, que em si mesma explicaria a maioria dos terríveis problemas de fome, analfabetismo e miséria em que vivemos.

**ONDE ESTÁ O DINHEIRO
ESTÁ A IGREJA**

Dizem que os sinais de progresso de uma cidade podem ser medidos pelos três Ps que ela atrai: polícia, padres e prostitutas. E é verdade. Em recente reportagem publicada no jornal «Diário de São Paulo», dizia um padre, reclamando contra a falta de vocações no Brasil, que, enquanto em nosso país, para 60 milhões de católicos, existem 12 mil sacerdotes, nos Estados Unidos, para 22 milhões de católicos, existem 55 mil sacerdotes. Isso é: no Brasil existe um padre para cada grupo de 5.000 fiéis; nos Estados Unidos existe um padre para cada grupo de 400 fiéis. O entrevistado atribuía esse «deficit» brasileiro ao... marquês de Pombal! Dizia que o marquês perseguiu a Igreja, impediu o seu desenvolvimento, bobagens desse tipo. Nem por um instante

Igreja: o melhor negócio do mundo

Quis reconhecer que a razão é bem outra: como os Estados Unidos são muito, muito mais ricos que o Brasil, para o Vaticano é muito mais interessante «aplicar» no vasto potencial econômico e financeiro daquele país, «vender» a sua «religião» para consumidores que podem pagar por ela um preço muito maior que aqui.

A revista «Fact», por exemplo, mostra quão rica é a Igreja naquele país. Uma parcela mínima de seus investimentos está aplicada numa rede de lavanderias com sede em New Hampshire, edifícios comerciais em Chicago (em São Paulo, quase toda a redondeza da Praça da Sé pertence à Cúria, entre diversas outras regiões), negócios de hipotecas imobiliárias, estações de rádio e de TV controladas por uma central localizada em New Orleans, a maior livreria do Oeste, situada em Salt Lake City, dois restaurantes na Ca-

lifórnia, um night club no Hawail... e o gigantesco Yankee Stadium de Nova York! A Igreja e suas organizações auxiliares ainda publicam livros, têm padarias, fábricas de alimentos e confeitos em geral, criam gado, vendem seguros, destilam vinho e brandy e operam supermercados, hotéis e indústrias.

De acordo com recente estudo patrocinado pela organização conhecida como «Other Americans United for Separation of Church and State», o valor combinado de todas as propriedades das várias igrejas nos Estados Unidos é estimado em mais de 79 bilhões e 500 milhões de dólares! De dólares! E só nos Estados Unidos! Para se ter uma leve idéia de quão fantástica é essa cifra basta dizer-se que representa 150% a mais do que todas as propriedades de uma cidade gigantesca como Nova York! Compilando o to-

tal, aquela organização dividiu a riqueza das diversas igrejas da seguinte maneira: sinagogas, 7 bilhões de dólares; templos protestantes em geral, 28 bilhões de dólares; igreja católica, 44,5 bilhões de dólares. «Nossos lucros e propriedades», disse um padre, «são maiores do que os da General Motors, da American Telephone & Telegraph e da US Steel combinados». Disse outro: «O recolhimento de taxas e contribuições pela Igreja deve ser segundo somente ao do Governo dos Estados Unidos».

E no Brasil? Aqui, o governo nunca se arriscou a exercer a vigilância em favor do povo sobre tamanha organização. E nenhum homem ou grupo de homens necessitaria o tempo suficiente no poder para arriscar-se a tal. As famosas visitas dos Núncios Apostólicos aos infelizes países sul-americanos antecedem quase sempre à queda

de qualquer Presidente da República.

Mas se nós olharmos para a monstruosa Basílica de Aparecida, aquele horror arquitetônico, e em seguida virmos a miséria das casas que a rodeiam; se formos a uma cidade paupérrima como Pouso Alto, em Minas, e virmos a riqueza inacreditável de sua moderna catedral; se soubermos que a Catedral de Brasília, que deveria ser entregue pronta, não foi aceita assim pela Igreja que desejou, ela mesma, terminá-la, para poder recolher dinheiro, como o vem fazendo, pelo Brasil inteiro, sem que a Catedral nunca termine; se virmos colégios de freiras destinados somente a garotinhas milionárias e colégios de padres que, em menos de dez anos, cresceram de maneira assustadora, então poderemos ter uma leve idéia de quanto dinheiro a Igreja recolhe em nosso país.



a miséria

Os nossos leitores terão notado que quando se trata de fazer alguma crítica à sociedade ou agitar algumas reformas imprescindíveis e de imediata execussão, preferimos, às vezes, louvar os nossos comentários em opiniões de pessoas representativas e de projeção pública insofismável.

Visamos com isso dar maior veracidade às nossas considerações e ressaltar a importância das coisas ventiladas, uma vez que pessoas que não podem ser acolhidas de quaisquer extremismos propugnam pelas mesmas e urgentes soluções para os padecimentos sociais. Sentimo-nos, desta maneira, muito bem acompanhados quando allamos aos nossos argumentos e raciocínios, os pareceres abalizados de pessoas responsáveis que militam na esfera intelectual e política da nação.

Queremos também, mostrar que o que dizemos não são revelações genuínas nossas, frutos de investigações especificamente particulares. São, isto sim, reivindicações sentidas e reclamadas por todas aquelas pessoas de coração bem formado, que olham os seus semelhantes com fraternidade e como um todo da grande família universal.

Dentro desse quadro de elevada vivência coletiva situamos toda a nossa inquietude e os nossos desejos de bem servir à comunidade, sem que para isso nos movam intuits escusos ou interesses inconfessáveis, visto não postularmos prebendas, favores ou cargos remunerados. A nossa luta é franca, humana e universal.

Registrámos hoje a declaração feita na rádio Bandeirante, no dia 24 de Setembro, pelo Sr. Juiz de Menores de São Paulo. Perguntado sobre

a motivação de tanto desajuste no mundo dos menores, respondeu, sem ambages, que a causa fundamental da prostituição de menores e da mendicância infantil é a miséria.

Como são dolorosas e arrasantes essas confissões feitas por homens insuspeitos, a cujo cargo está a reeducação e reabilitação da juventude desgarrada e da infância mendicante. A mesma confissão fazem, diariamente, juizes e promotores que atuam nos tribunais, enviando, ininterruptamente, gente para os cárceres.

A miséria!

É sempre a miséria a má conselheira, a inspiração diabólica que convida a delinquir, que corrompe e degenera. A miséria, a inseparável e histórica companheira do pobre, do proletário, do desfavorecido, foi sempre a infatigável produtora da prostituição, do roubo, do crime e da mendicância. Sen-

timos vontade de reproduzir aquela velha sentença de um pensador do passado: «A sociedade prepara os delitos e o indivíduo os executa».

A miséria é a doença humana que mais vítimas causa, muito mais que qualquer enfermidade, mais que o coração e o câncer. E com um agravante poderosamente aviltante e indecoroso para todos aqueles que têm em suas mãos o mando da economia social. Porque da miséria se lhe conhece a causa, enquanto que, as do coração doente e do câncer, a ciência médica luta arduamente para descobri-las.

Temos certeza de que, dentro em breve, esses dois casos patológicos, o do coração e o câncer, serão finalmente debelados pelos argutos investigadores da medicina. E a miséria? Até quando continuará a sua marcha triunfal de devastação social e humana?

Nós precisamos do seu tempo :

Queremos que V. leia dealbar inteirinho.

Nós precisamos do seu dinheiro :

Queremos que V. dê uma contribuição para que dealbar continue saindo

O Dealbar não tem preço.

Dê quanto V. acha que éle vale.

Ou dê quanto V. possa dar.

Isso será uma grande ajuda.

Redação e Administração:
Diretor: PEDRO CATALO
Rua Rubino de Oliveira, 85
Correspondência: Caixa Postal, 5739
São Paulo



triste notícia

É sempre doloroso ter que comunicar o desaparecimento de pessoas que nos foram caras, de velhos amigos e companheiros que através de décadas nos acompanharam em nossa vida particular e na disseminação dos nossos postulados de confraternização social.

Positivamente, o ano de 1965 foi para nós portador de um grande «deficit» no círculo das nossas afetuosas relações, causando um rombo quase irreparável nos remanescentes de uma geração de humanistas libertários que, apesar de tudo, ainda conservavam as mesmas convicções filosóficas; a mesma fé e as mesmas esperanças nas forças renovadoras dos homens. É um punhado de homens o que nos deixa, que soube honrar as idéias que defenderam, mesmo a custo de grandes sacrifícios morais e materiais. Resta-nos o orgulho de poder citá-los como exemplo de retidão e honestidade, coisa muito rara nos dias que correm.

Gutierrez Perdigão e os irmãos Jesus e Joaquim Fernandes, de Sorocaba, Felipe Gil de Souza Passos e Rodolfo Felipe, de São Paulo, que morreram inesperadamente. Se bem que pertenciam à velha guarda, gozavam, entretanto, de vigorosa saúde. E ao findar o ano, na noite de 31 de Dezembro, fenecia também, aos 89 anos de idade, o velho professor, o nosso bondoso e incomparável amigo João Penteado.

Muita coisa se poderia dizer destes bons companheiros, Souza Passos, o garção poeta, jornalista e escritor, foi militante colaborador de vários jornais e revistas. A

morte o surpreendeu, quando, junto com Edgard Leuenroth, trabalhava na feitura de «O Libertário». Rodolfo Felipe, afastado das lides jornalísticas por algum tempo, foi diretor-responsável do jornal «A Plebe», por muitos anos. E João Penteado, o modesto professor, dono e Diretor da Escola de Comércio «Saldanha Marinho». Este estabelecimento, que rivaliza com as mais autorizadas escolas da capital, foi produto do esforço honesto, material e moral, deste abnegado apóstolo precursor da pedagogia moderna.

Pouca gente sabe que aquele imponente edifício que enche de orgulho o bairro do Belém, teve seu começo numa modesta sala da Rua Saldanha Marinho, lá pelo ano de 1912, como Escola Moderna N° 1 «Francisco Ferrer». Ostentava esse nome em homenagem ao fundador da Escola Racionalista, Francisco Ferrer y Guardia, fuzilado na Espanha a mando do clero dominante naquele país, no ano de 1909. Ainda devem existir nesse Colégio, como perpétua recordação da obra de Francisco Ferrer, dois armários com a seguinte inscrição; «Escola Moderna n. 1»

Compungidos pela dor que nos causou a perda desses bravos amigos, deixamos aqui a espontânea homenagem, o nosso franco reconhecimento pela amizade sempre presente e fraternal que nos ofereceram quando em vida, e agora é um vazio difícil de preencher. Para eles as nossas melhores lembranças, e para as respectivas famílias, os nossos sinceros sentimentos.

P. Catallo



nascer

Nascer é irromper num novo mundo.

É passar das limitações estreitas do mundo gestativo para as perspectivas da personalidade.

O nascimento é como um doutorado biológico da liberdade. Ao romper-se o cordão umbelical o novo ser já adquire a categoria de uno. Antes era um apêndice de outro ser. Sublime dependência essa, que nos retém à nossa mãe durante todo o processo de pré-vida independente. Porém, a categoria do ser biológico só a adquirimos plenamente quando desgarramos as entranhas do ser que nos gestou e lançamos ao ar o nosso primeiro balido. E essa primeira abocanhada de oxigênio em maior escala, que chega aos nossos pulmões pelo caminho direto, é a primeira saudação da ilimitada liberdade que nos dá o corte umbelical e desgarramento das entranhas que

cumpriram o sublime processo de nossa gestação.

A individualidade adquirida ao nascer, é o maior patrimônio de toda a nossa existência. Daí, até que deixemos de viver, gozamos, como unidade biológica, do dom excelso da independência. Nossas dependências e escravidão se limitam às leis naturais que formam o nosso viver... ou a escravidão e dependências que os homens fabricam contra todas as leis biológicas.

E nessa ordem, no que tange às dependências e escravidões que uns humanos confeccionam para extorquir a outros humanos, o homem há de voltar a nascer e romper as entranhas que o escraviza e desgarrar o cordão umbelical que os une ainda aos prejuízos e à submissão.

Porque, socialmente, o ser humano está em plena gestação e ainda não nasceu.

BEN-KARIUS



GRUPO DE AMIGOS DE NOSSA CHÁCARA COMPROU UM SÍTIO Pedro Catalo

E agora ?

Agora nós precisamos ajudar.

O Grupo de Amigos de «Nossa Chácara», numa conjugação de esforços extraordinária, vê coroada de êxito a conquista de um objetivo que vinha sendo perseguido há muito. Trata-se de aqui-

sição de um sítio, cuja gleba de terra de cinco alqueires, possibilitará o pleno desenvolvimento das iniciativas e ideais que constituem o apêndice dos que integram o grupo. Para tanto colocaram «Nossa Chácara» à venda e estão empenhados em arrecadar fundos e por nosso intermédio fazem apelo a todos aqueles que conhecem a iniciativa e com ela têm afinidade para que procurem a Comissão e com ela colaborem, pois os encargos são pesados.

Nós que conhecemos o que são suas promoções de confraternização, onde se aprende a amar a natureza e a cultivar a dignidade da vida, o quanto têm de elevado idealismo os propósitos que norteiam o Grupo, damos o nosso incondicional apoio. Para a frente pois, Amigos de «Nossa Chácara»!



Um artista é um sujeito muito ...

Ao examinar o aspecto quase circense de certas manifestações artísticas de nosso tempo, como os espetáculos do pintor Mathieu, que se fantasia e pinta superfícies enormes em poucos minutos, ou do escultor César, que usa u'a máquina de compressão para reduzir carrocerias de automóvel a paralelepípedos de ferragens amassadas ou, ainda, de Yves Klein, que pinta mulheres nuas de azul e as lança contra telas em branco, traço um paralelo entre a atitude desses e de outros artistas contemporâneos e seus antecessores em matéria de escândalo, os dadaístas e surrealistas.

Que se esconde atrás de tudo isso? Truques de publicidade? — Não: poder-se-ia dizer que antes de mais nada existe nisso tudo uma atitude antiburguesa, inconformista, cujo ponto de partida encontra-se sem dúvida no romantismo. Do colête vermelho de Teophile Gautier aos cabelos verdes de Baudelaire, existe uma continuidade, na qual o escândalo pode ser considerado um meio de expressão: os homens que procuravam a originalidade a todo custo, como Dali, encontravam nessa atitude um ambiente propício à criação.

Publicidade? A publicidade domina nossa época. As frases de Picasso, seu tórax, seus calções multicoloridos, suas jovens amantes, seus belos filhos e suas piruetas não o impedem de ser genial. Mas o público saberia que Picasso é genial se ele não fizesse o seu jôgo? O público, hoje, não espera que os artistas vivam como Cézanne. Só respeita aqueles que o deslumbram, ou que desconcertantemente o escandalizam.

O artista terá de ser uma espécie de bezerro de ouro ou não será coisa alguma. Nesta época em que o jornalista está sempre à espreita, Van Gogh não poderia ter feito outra coisa senão cortar a orelha diante de trezentos repórteres.

O dadaísmo, e, a seguir, o surrealismo cultivaram o escândalo e exibicionismo a tal ponto que se incorporaram à sua própria estética. Nascido durante a guerra de 1914/18, o dadaísmo foi um protesto desesperado contra a loucura das multidões.

A monstruosidade de uma Europa incendiada, de uma Europa de ódio, banhada em sangue, os dadaístas opunham-se à contra-loucura. Negavam tudo: a arte, a vida, as pátrias, ridicularizavam a ciência, as máquinas inventando máquinas inúteis. Convidavam o público a conferências e depois insultavam esse mesmo público que se procurava educar. E como tinham razão! Pois de que serve a educação, a cultura, se é possível desencadear uma guerra tão monstruosa? Que hipocrisia é a cultura, a ciência, as belas-artistas! Os dadaístas minavam a base da sociedade burguesa com uma embriaguez nihilista. Cada exposição era uma bomba, um insulto, uma blasfêmia. Cada manifesto uma punhalada. Nada era demais quando se tratava de debochar do burguês, de chocá-lo. Desenhavam bigodes na sacro-santa Gioconda. Faziam quadros com restos de madeira, de papéis, de ferragens. Como se quisessem demonstrar que o resíduo da sociedade, seu lixo, tinha o mesmo valor que o seu mármore e o seu ouro. Desintegravam a linguagem.

Conversa sobre arte contemporânea

A pintura contemporânea, numa das tendências mais significativas, procura emocionar diretamente pela forma e pela cor e abstrai as soluções tradicionais do figurativismo. O quadro deixa de ser uma representação da natureza, das coisas ou dos homens, cujo valor se mede em função do aproveitamento dos valores plásticos e históricos a fim de favorecer a mais fiel semelhança física ou psicológica, para tornar-se uma realidade plástica independente e informal.

Essa nova configuração, que se pode dizer iniciada pelos impressionistas, caracterizou-se com as deformações do cubismo e realizou-se com os concretistas e abstracionistas, numa arte que é uma fuga à vida formal, para dar lugar a uma criação de figuras geométricas ou formas caprichosas que nascem e se desdobram dentro das sugestões das cores e dos planos. Uns procuram expressões mais rígidas e impessoais, como os concretistas, outros, os abstracionistas, dão largas às forças da sua fantasia e procuram expressões que lhes revelem a sensibilidade. Não é uma posição de inconformismo plástico ou literário, como tomaram no passado os superrealistas, «dadaístas» e «fovistas», mas, absolutamente, não é uma fuga à realidade social; como acusam alguns adeptos da pintura realista atrelados ao carro das ditaduras patriarcais.

Discordamos da pretensão de qualquer regime ou ideologia que pretenda orientar a criação artística, pois acreditamos que toda arte autêntica, filha direta do momento que passa, traz em si mesma uma mensagem social, destinada a ocupar lugar de destaque no acervo cultural do homem. Exemplificando, lembramos que, na mesma época, enquanto os impressionistas faziam pintura, sem subjetivismo, intenções sociais ou políticas, só nos falavam dos encantos de um olhar fascinado com as luzes e cores da natureza, ao passo que os expressionistas punham em sua arte a crítica mordaz, marcando um brilhante capítulo na história da sociedade moderna.

Os caminhos das artes plásticas contemporâneas não convergiram para Escolas nem foram trilhados num país apenas, são numerosos e universais. No Brasil, figuras marcantes desbravaram nos, alguns de projeção interna-

cional, como o meu caro mestre Bustamente Sá que, quando de passagem pela Academia Julien, de Paris, despertou entusiasmo ao velho mestre Plasson, pela rapidez e segurança com que esboçou os seus quadros. Em Portugal, curiosamente as mesmas datas marcam o início das pesquisas de estética moderna. Em 1913, quando Tarcila do Amaral fazia as primeiras experiências no Brasil, em Portugal, Amadeo de Souza Cardoso trilhava os mesmos caminhos com Fernando Lhanas e, em 1943, esboçou-se um movimento que deu destaque universal à pintura contemporânea portuguesa. No mesmo ano, no Brasil, um grupo de idealistas, liderados por Niomar Muniz Sodré e Paulo Biten-court, fundaram o Museu de Arte Moderna. Na França, laboratório ideal de todas as pesquisas plásticas, desde 1850 teve início o impressionismo onde artistas de todos os países buscavam novas formas de expressão, transformando Paris em capital do mundo.

Atualmente, em todo o Universo, os artistas estão motivados pelos problemas da sensação espacial, influenciados pelas recentes explorações da astronáutica. Uns vivem inebriados, visualizando as belezas coloridas que devem existir além da barreira do som, onde desaparece a gravidade. Outros pesquisam o inconsciente coletivo através de estudos de psicologia ou da quimioterapia, para atingir as portas da percepção e arrancar de lá visões carregadas de vivências universais.

Dêsses estudos e dêsses vôos espaciais imaginários resulta, às vezes, uma pintura que, além da busca cerebral é equilíbrio plástico, pode provocar emoções controladas ao observador que com ela estabelece diálogo.

Pintura de crise, de experiência, de insatisfação? A resposta será pessoal, dos que já puderem manter o diálogo com a nova forma de sentir. Por certo, é a pintura da hora que passa, sincera, ardente, criadora, inquietante; transposição de uma realidade nova em que o homem se esforça por descobrir, pelos cálculos e pela tecnologia, o que o artista, abrindo uma janela no cosmos, almeja dominá-lo no plano lírico.

Pelo pintor
Manoel José de Mattos